

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

THALIA NOGUEIRA DA COSTA

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM
ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO NARRATIVA

MANAUS

2025

THALIA NOGUEIRA DA COSTA

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM
ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Federal do
Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção
do título de bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Denise Machado Duran Gutierrez

MANAUS

2025

THALIA NOGUEIRA DA COSTA

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM
ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Federal do
Amazonas (UFAM) como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Denise Machado Duran Gutierrez - UFAM
Orientadora

Dr.^a Alessandra dos Santos Pereira
Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Leal Vasconcelos - UFAM
Avaliadora

RESUMO

Introdução/Justificativa: o estudo explora a relação entre a família e os Transtornos Alimentares (TAs) na adolescência, quadro esse cada vez mais frequente na contemporaneidade. **Objetivos:** o objetivo geral é investigar a relação do ambiente familiar com o desenvolvimento e tratamento de TAs em adolescentes, e os específicos são: analisar como as relações familiares podem contribuir para o surgimento ou agravamento de TAs em adolescentes; investigar quais aspectos familiares podem atuar como fator protetivo ou de vulnerabilidade ao desenvolvimento de TAs em adolescentes; e identificar o papel da família na adesão e nos resultados de tratamentos para TAs em adolescentes. **Metodologia:** trata-se de uma revisão narrativa que utilizou as bases PubMed, SciELO, LILACS e Google Acadêmico, com os descritores "adolescentes", "família", "transtornos da alimentação", "bulimia nervosa" e "anorexia nervosa", combinados por operadores booleanos, em três idiomas (inglês, português e espanhol). Foram incluídos estudos publicados entre 2015-2025 sobre influência familiar nos TAs em adolescentes, excluindo-se relatos de caso e publicações sem revisão por pares. **Resultados:** Os resultados demonstram a centralidade da família nos TAs em adolescentes, atuando como fator de risco (através de dinâmicas disfuncionais) ou proteção (via coesão e suporte). Identificou-se a influência de questões de gênero, com a figura materna exercendo papel central na transmissão de padrões alimentares e corporais. As terapias voltadas para a família, como o *Family-based treatment* (FBT), mostraram-se mais eficazes, embora sua implementação enfrente desafios como a sobrecarga dos cuidadores.

Palavras-chave: transtornos alimentares; adolescência; família.

ABSTRACT

Introduction/Rationale: This study examines the relationship between family dynamics and Eating Disorders (EDs) in adolescence, a clinical presentation of growing prevalence in contemporary society. **Objectives:** The primary aim is to investigate the association between the familial environment and both the development and treatment of EDs in adolescents. The specific objectives are: to analyze how familial relationships may contribute to the onset or exacerbation of EDs in adolescents; to explore which familial characteristics may function as protective or vulnerability factors for the development of EDs in this population; and to delineate the role of the family in treatment adherence and outcomes for adolescent EDs. **Methodology:** A narrative review was conducted, querying the PubMed, SciELO, LILACS, and Google Scholar databases. The search employed the descriptors "adolescents," "family," "eating disorders," "bulimia nervosa," and "anorexia nervosa," combined via Boolean operators, across three languages (English, Portuguese, and Spanish). The review included studies published between 2015 and 2025 focusing on familial influence on adolescent EDs, while excluding case reports and non-peer-reviewed publications. **Results:** The findings underscore the centrality of the family system in adolescent EDs, indicating its dual potential as a risk factor (through dysfunctional dynamics) or a protective factor (via familial cohesion and support). The analysis identified a salient gender dimension, with the maternal figure exerting a predominant influence in the transmission of dietary and body image paradigms. Family-oriented therapeutic modalities, notably Family-Based Treatment (FBT), demonstrated superior efficacy; however, their implementation is confronted with challenges, including substantial caregiver burden.

Keywords: eating disorders; adolescence; family.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um importante período para a formação da identidade, caracterizado por significativas transformações biológicas, psicológicas e sociais. Durante esta fase de transição entre a infância e a vida adulta, o ambiente familiar exerce uma forte influência na saúde mental do jovem, podendo atuar tanto como rede de apoio essencial, quanto como fator de vulnerabilidade para dificuldades emocionais e comportamentais. As relações familiares funcionam como o primeiro contexto de socialização, onde se estabelecem padrões relacionais, valores e crenças que acompanharão o indivíduo ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, compreender a dinâmica familiar torna-se imperativo para qualquer investigação sobre o desenvolvimento adolescente, principalmente quando se trata de psicopatologias que emergem neste período do desenvolvimento (XAVIER; NUNES, 2015).

Entre as psicopatologias mais comuns entre os adolescentes, os transtornos alimentares (TAs), tais como anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar, emergem como uma das principais preocupações, afetando profundamente o bem-estar físico, psicológico e social dos jovens (ALVARENGA, 2017). Essas condições representam não apenas manifestações individuais de sofrimento, mas também expressões de mal-estar que refletem as relações entre fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e familiares. Assim, a multidimensionalidade desses transtornos exige uma compreensão que considere o sujeito em seu contexto relacional mais amplo.

A dimensão do problema dos TAs na adolescência é significativa, com uma meta-análise internacional revelando que 22,36% dos jovens apresentam comportamentos de risco para TAs, achado que é corroborado no contexto nacional por um estudo epidemiológico que apontou uma prevalência de 13,3% (LÓPEZ-GIL *et al.*, 2023; DALGALARRONDO, 2019). Esses números dimensionam o impacto dos TAs e sinalizam a necessidade de mais pesquisas para a compreensão desse fenômeno.

Embora a associação entre ambiente familiar e psicopatologia seja amplamente reconhecida, os mecanismos específicos através dos quais as

dinâmicas familiares influenciam a etiologia dos transtornos alimentares na adolescência permanecem como um campo de investigação complexo. Estudos apontam a existência de diversos construtos para avaliar essa relação, tais como funcionamento familiar e a qualidade do vínculo, nem sempre convergentes (PIATO; ALVES; MARTINS, 2013). A literatura inicial, de viés mais psicopatologizante, frequentemente atribuía à família um papel etiológico direto e causal, enquanto perspectivas contemporâneas tendem a compreendê-la como um sistema de influência recíproca, podendo atuar tanto como fator de risco quanto de proteção (MEIRELES; TEIXEIRA, 2014). Esta revisão busca mapear e sintetizar essas perspectivas, investigando como os diferentes aspectos da vida familiar se articulam no contexto dos TAs.

A escolha do tema foi motivada pela crescente relevância dos TAs na saúde pública e pelo papel central da família no desenvolvimento emocional dos jovens (MINZON, 2010). No contexto acadêmico, esta pesquisa busca organizar os dados encontrados na literatura em termos de como a família pode influenciar o desenvolvimento e tratamento dos TAs na adolescência. Do ponto de vista social, esta investigação busca contribuir para o reconhecimento da importância do contexto familiar tanto na prevenção quanto no tratamento dessas condições. Ademais, a elaboração de políticas públicas eficazes em saúde mental para a população adolescente requer evidências sólidas sobre os fatores de risco e proteção envolvidos nesses transtornos, particularmente no que se refere ao ambiente familiar.

No campo clínico, os resultados desta revisão podem colaborar com práticas terapêuticas mais sensíveis às dinâmicas familiares e menos centradas exclusivamente no indivíduo sintomático. Compreender os mecanismos específicos através dos quais a família influencia o desenvolvimento e a manutenção dos TAs pode refinar ainda mais essas intervenções, visto que, atualmente, no contexto dos tratamentos dos TAs, há uma crescente ênfase nas terapias familiares (GORRELL; LOEB; LE GRANGE, 2021).

O objetivo principal deste estudo é investigar a relação do ambiente familiar com o desenvolvimento e tratamento de TAs em adolescentes, e os específicos são: analisar como as relações familiares podem contribuir para o surgimento ou agravamento de TAs em adolescentes; investigar quais aspectos familiares podem atuar como fator protetivo e de vulnerabilidade ao desenvolvimento de TAs em

adolescentes; e identificar o papel da família na adesão e nos resultados de tratamentos multidisciplinares para TAs em adolescentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Adolescência

A concepção da adolescência como fase distinta da vida é uma construção social relativamente recente. Nas sociedades pré-industriais, a transição para a vida adulta era mais abrupta, ocorrendo com a maturidade física, ou com o início de um ofício. Foi somente no século XX que o mundo ocidental institucionalizou a adolescência como estágio separado, fenômeno que se globalizou, ainda que se manifeste de formas diversas em diferentes culturas. Na contemporaneidade, esse estágio se estendeu significativamente, haja vista que os marcos tradicionais da idade adulta, como a inserção no mercado de trabalho e o casamento, são postergados. Como resultado disso, os adolescentes contemporâneos vivenciam uma transição mais prolongada, habitando um universo social cada vez mais distinto do mundo adulto (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Embora a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014) defina a adolescência como o período entre 10 e 19 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece os marcos legais nacionais considerando a adolescência dos 12 aos 18 anos, classificando como criança a pessoa com até 12 anos incompletos (BRASIL, 1990). Do ponto de vista psicológico, esse é um estágio imprescindível para a construção da identidade, já que o indivíduo experiencia uma tensão entre ser diferente e se conformar às normas dos grupos sociais nos quais está inserido, gerando uma crise de identidade. Além disso, nesse estágio da vida ocorrem rápidas mudanças que afetam os traços de personalidade do sujeito, o que contribui para certa confusão em relação à identidade (XAVIER; NUNES, 2015).

Do ponto de vista neurobiológico, Steinberg (2020) caracteriza a adolescência como uma "*idade de oportunidade*" devido à notável plasticidade cerebral, que torna o cérebro mais moldável por experiências. Entretanto, essa fase também é marcada por um descompasso maturacional, em que os sistemas cerebrais ligados à emoção e à busca de recompensa (sistema límbico) amadurecem antes das regiões responsáveis pelo controle de impulsos e pelo planejamento (córtex pré-frontal). Essa assincronia no neurodesenvolvimento pode predispor os indivíduos nessa fase a uma maior impulsividade, sensibilidade à recompensa e vulnerabilidade às

influências externas, incluindo dinâmicas familiares disfuncionais e ideais estéticos internalizados, que são amplamente associados aos TAs (GOMES *et al.*, 2021).

Família

O artigo 226 da Constituição Federal de 1988 define a família como a base da sociedade, sendo digna de proteção especial do Estado. Tal artigo reconhece as seguintes configurações como entidades familiares: família decorrente do casamento civil, família formada por união estável entre homem e mulher, e a família monoparental, formada por qualquer um dos pais e seus descendentes (BRASIL, 1988). Vale destacar que, a partir da Resolução 175/2013 do Conselho Nacional de Justiça, foi garantido o direito ao casamento homoafetivo. Sendo assim, o conceito de família foi ampliado, incluindo também as uniões homoafetivas como entidade familiar (CNJ, 2013).

De acordo com Cortês, Albuquerque e Bucher-Maluschke (2022), a família pode ser compreendida como uma instituição social dinâmica e em constante transformação. De maneira geral, a família é responsável por exercer um papel mediador entre o indivíduo e a sociedade, e suas funções, papéis e arranjos estão diretamente vinculados ao contexto histórico, econômico, social e cultural em que está inserida. No contexto deste trabalho, interessa investigar como as diferentes configurações e dinâmicas familiares podem atuar em relação às psicopatologias na adolescência, especificamente os TAs.

A família contemporânea caracteriza-se por sua plasticidade e diversidade, coexistindo com o modelo nuclear idealizado (MEIRELES; TEIXEIRA, 2014). Entre os arranjos significativos estão a família monoparental, majoritariamente chefiada por mulheres que comumente enfrentam sobrecarga e desafios financeiros (PIATO; ALVES; MARTINS, 2013); a família extensa, comum em contextos de vulnerabilidade; a família adotiva, baseada em laços simbólicos; e a opção por não ter filhos, dissociando a realização conjugal da maternidade ou paternidade (MACHADO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

Diante dessa diversidade, autores apontam que a qualidade das relações constitui o elemento central para a definição de família na contemporaneidade, sobrepondo-se aos modelos estruturais (PIATO; ALVES; MARTINS, 2013). Paralelamente, no campo da Psicologia, a Terapia Familiar Sistêmica traz a compreensão da família como um sistema aberto e complexo, cuja funcionalidade é

determinada pela qualidade de suas interações e não por sua configuração estrutural. Nesse sentido, o equilíbrio do sistema familiar é mantido por padrões relacionais circulares, onde o comportamento de cada membro influencia e é influenciado pelos demais, formando uma totalidade interconectada (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015).

Compreende-se historicamente que a relação entre família e TAs evoluiu de uma visão que atribuía o transtorno como uma resposta a conflitos e tensões intrafamiliares, interpretando-o como uma manifestação decorrente de dinâmicas conjugais disfuncionais, para uma perspectiva contemporânea multifatorial. Esta reconhece não apenas o impacto de mudanças significativas na estrutura familiar, mas também o papel de padrões relacionais específicos, como expectativas parentais elevadas, interação reduzida e, sobretudo, críticas diretas ao corpo ou aos hábitos alimentares do adolescente, como fatores de risco associados ao desenvolvimento dessas condições (SOUZA; SANTOS, 2006; LE GRANGE *et al.*, 2010; MARCOS *et al.*, 2013).

Transtornos alimentares na adolescência

Os adolescentes constituem o grupo de maior risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, sendo o sexo feminino o mais atingido; os sintomas de TAs estão associados a dificuldades de identidade, menor esforço no autocontrole e sintomas de internalização (GOMES *et al.*, 2021; VERSCHUEREN *et al.*, 2020). Entre os TAs mais comuns em adolescentes, estão a anorexia nervosa, a bulimia nervosa e o transtorno de compulsão alimentar (ALVARENGA, 2017).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), a anorexia nervosa (AN) é marcada por uma restrição alimentar extrema, medo intenso de ganho de peso e uma percepção distorcida da imagem corporal, podendo levar a complicações médicas graves, como desnutrição e insuficiência orgânica. A perda de peso é autoinduzida principalmente pela restrição de alimentos, mas pode envolver, em um dos subtipos do transtorno, comportamentos purgativos, como vômitos autoinduzidos e uso inadequado de laxantes ou diuréticos, além de exercícios físicos excessivos (DALGALARRONDO, 2019; APA, 2023).

Já a bulimia nervosa (BN) é definida por episódios recorrentes de compulsão alimentar, seguidos de comportamentos compensatórios inadequados e repetitivos para evitar o ganho de peso, tais como os apresentados na AN (APA, 2023).

Diferentemente da AN, indivíduos com BN podem manter um peso dentro ou acima da faixa considerada normal. A BN costuma se iniciar no final da adolescência e afeta predominantemente mulheres, além de estar associada a complicações clínicas como erosão dental, desequilíbrios eletrolíticos e danos gastrointestinais, sendo marcada por forte sentimento de vergonha e ocultação dos sintomas (WHO, 2019).

O transtorno de compulsão alimentar (TCA), por sua vez, envolve episódios recorrentes de ingestão de grandes quantidades de alimentos em um curto período, acompanhados por uma sensação de falta de controle. Esses episódios estão frequentemente associados a um intenso sofrimento emocional, incluindo sentimentos de vergonha, culpa e depressão, e são vinculados a traços de impulsividade (BLOC *et al.*, 2019). A característica distintiva do TCA é a ausência de comportamentos compensatórios regulares (APA, 2023).

Para além das características clínicas, os TAs estão intrinsecamente ligados à insatisfação corporal, a qual pode ser impulsionada por padrões de beleza socioculturais (OLIVEIRA; HUTZ, 2010). Haja vista que a adolescência é um período de maior vulnerabilidade às influências externas, ela constitui um terreno fértil para o desenvolvimento desses transtornos. Nessa fase, a busca pela aceitação social e a formação da identidade podem exacerbar a insatisfação corporal, tornando o jovem mais suscetível a influências externas, como a mídia e as redes sociais, e a fatores internos, como dinâmicas familiares disfuncionais, baixa autoestima e dificuldades de regulação emocional (GONÇALVES, 2013).

METODOLOGIA

O presente trabalho foi conduzido por meio de uma revisão narrativa da literatura. Essa abordagem é adequada para discutir o desenvolvimento ou o estado atual de um tema, em especial quando se busca compreendê-lo sob uma perspectiva teórica ou contextual, descrevendo seus avanços, controvérsias e lacunas (CASARIN *et al.*, 2020; ROTHER, 2007).

De acordo com Cavalcante e Oliveira (2020), o objetivo de um trabalho de revisão narrativa é descrever, de maneira ampla, o desenvolvimento de um tema e as metodologias utilizadas em seu estudo. Ferrari (2015) aponta que esse tipo de revisão se configura como uma abordagem metodológica que privilegia a análise interpretativa e contextualizada da literatura, distinguindo-se de métodos

sistemáticos por sua capacidade de integrar perspectivas teóricas diversas sobre problemas complexos. Nesse contexto, a escolha da revisão narrativa para este trabalho justifica-se pelo objeto de estudo demandar uma compreensão ampla e crítica a respeito da influência da família nos transtornos alimentares em adolescentes (ANDRADE, 2021; FERNANDES; VIEIRA; CASTELHANO, 2023).

Para garantir que o percurso analítico desta revisão seja compreendido com nitidez, foram adotadas as diretrizes apontadas por Baethge, Goldbeck-wood e Mertens (2021) que defendem a exposição transparente das estratégias de busca, critérios de seleção e métodos de análise e síntese dos artigos. Para tanto, foram observados princípios fundamentais que incluíram: justificativa clara da relevância do tema, definição de objetivos concretos, descrição transparente da busca na literatura, referenciamento adequado e completo das fontes, aplicação do raciocínio científico na avaliação crítica dos estudos e apresentação organizada e acessível da síntese do conhecimento. Assim, foi possível assegurar procedimentos de análise fundamentados de maneira explícita e criteriosa.

A estratégia de busca por artigos priorizou o uso de bases de dados especializadas, como PubMed, Scielo e Lilacs. Tal escolha deve-se à capacidade dessas plataformas de oferecerem mecanismos de filtragem precisos e uma melhor definição do escopo da busca. Para assegurar a abrangência do estudo, utilizou-se concomitantemente o Google Acadêmico. Ao contrário de bases de dados especializadas, que operam dentro de domínios delimitados, o Google Acadêmico indexa conteúdo de uma vasta gama de fontes, incluindo periódicos acadêmicos, repositórios institucionais, livros e anais de congressos, o que o torna adequado para um trabalho de revisão narrativa. Isso porque, como exposto anteriormente, o objetivo de uma revisão narrativa é sintetizar o desenvolvimento teórico de um tema, identificando tendências emergentes e metodologias utilizadas (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2020). Dessa forma, a abrangência do mecanismo de busca do Google Acadêmico permite a inclusão de trabalhos relevantes publicados em outras bases de dados, como periódicos interdisciplinares, e que podem não ser incluídos em bases mais restritas.

Para a seleção dos estudos, foram aplicados os seguintes critérios: incluíram-se publicações entre 2015 e 2025 que abordassem especificamente a influência familiar nos transtornos alimentares em adolescentes, nos idiomas português, inglês ou espanhol, sendo estudos empíricos ou revisões da literatura.

Excluíram-se relatos de caso e publicações sem revisão por pares. A busca utilizou os descritores "adolescentes", "família", "transtornos da alimentação", "bulimia nervosa" e "anorexia nervosa", combinados por operadores booleanos (AND, OR) e aplicados em português, inglês e espanhol para ampliar a sensibilidade.

Procedimentos de Análise

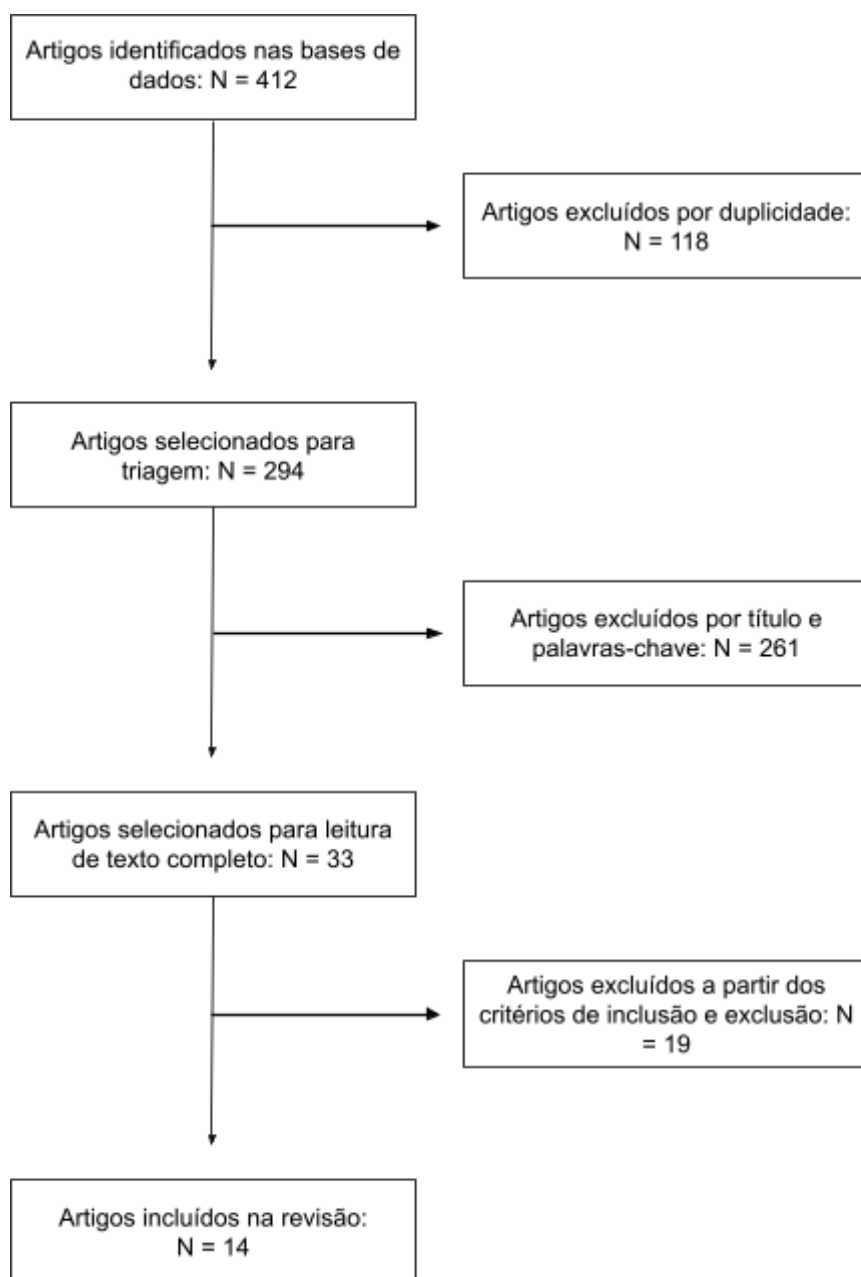
Foi utilizada a análise temática como metodologia para síntese e análise dos dados obtidos a partir desta revisão. Esta abordagem mostrou-se adequada para identificar, analisar e relatar padrões sistemáticos, denominados temas, presentes na literatura selecionada, permitindo uma organização sistemática e interpretativa do conhecimento acumulado sobre o assunto em questão (DIAS; MISHIMA, 2023).

O procedimento de análise temática foi realizado em seis fases, conforme preconizado na literatura. A primeira etapa consistiu na familiarização com os artigos por meio de leituras exaustivas dos trabalhos selecionados, permitindo uma imersão inicial no conteúdo e a identificação de padrões preliminares. Em seguida, procedeu-se à codificação inicial, organizando os dados em grupos que continham significados próprios. Na terceira etapa, os códigos foram agrupados em temas emergentes, constituindo uma primeira estrutura temática que capturasse a complexidade do material analisado. A quarta etapa dedicou-se ao refinamento crítico desses temas, resultando na consolidação, subdivisão ou reformulação dos conjuntos temáticos. Na sequência, cada tema foi definido e nomeado, assegurando clareza conceitual e pertinência analítica. Por fim, realizou-se a análise interpretativa final, integrando os temas consolidados numa narrativa coerente que responde aos objetivos da revisão, articulando as evidências encontradas com o quadro teórico de referência (ROSA; MACKEDANZ, 2021; SOUZA, 2019).

A Figura 1 apresenta as etapas do processo de busca e seleção dos artigos. A busca inicial resultou em 412 registros. Após a remoção de 118 artigos duplicados, 294 artigos foram submetidos à triagem de títulos e resumos. Nessa fase, 261 registros foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão, sendo os motivos principais a ausência de foco na influência familiar ou o estudo de populações fora da faixa etária adolescente. Os 33 artigos restantes foram selecionados para recuperação e leitura do texto completo. Desses, 19 foram excluídos pelos seguintes motivos: 13 por não serem estudos empíricos ou revisões e 6 por não terem o texto completo disponível. Após esse processo, 14 artigos

atenderam a todos os critérios predefinidos e foram incluídos para a síntese narrativa desta revisão.

Figura 1: Fluxograma da busca e seleção de artigos.



Fonte: elaborado pela autora (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do conjunto de estudos incluídos nesta revisão revela um cenário metodologicamente diversificado e internacionalizado. Verifica-se um equilíbrio entre revisões da literatura (n=7) e estudos empíricos (n=7). Dentre os estudos empíricos, predominam os desenhos transversais, com abordagem majoritariamente

quantitativa ou mista (quanti-qualitativa), que utilizam entrevistas estruturadas e instrumentos padronizados. Ademais, há um predomínio de publicações em inglês (n=7), seguidas por um número significativo em espanhol (n=5), refletindo uma importante contribuição de pesquisadores da América Latina (Colômbia, Cuba, Equador, Argentina).

No entanto, destaca-se a escassa representação de artigos brasileiros (n=2), o que aponta para uma lacuna na produção nacional indexada. Quanto à distribuição temporal, observa-se uma concentração no período entre 2020 e 2024, indicando um crescente e atual interesse pelo tema. Em conjunto, os dados evidenciam um campo de pesquisa consolidado, internacionalizado e em expansão, mas com oportunidades para maior contribuição de estudos brasileiros.

Quadro 1: Descrição dos artigos incluídos na revisão.

Autor e ano	Título do artigo	Metodologia	Objetivos	Principais resultados
Erriu, Cimino e Cerniglia (2020)	The Role of Family Relationships in Eating Disorders in Adolescents: A Narrative Review	Revisão da literatura	Revisar os aspectos das relações familiares nos TAs na adolescência.	Confirma a influência das relações familiares no desenvolvimento e manutenção de transtornos alimentares na adolescência.
Darrow <i>et al.</i> (2017)	Exploring Types of Family Environments in Youth with Eating Disorders	Estudo empírico	Investigar a associação entre subtipos de ambiente familiar e características clínicas em jovens com transtornos alimentares.	Os resultados sugerem que os tipos de interação familiar podem influenciar no tratamento.
Carpinelli e Watzlawik (2023)	Anorexia Nervosa in Adolescence: Parental Narratives Explore Causes and Responsibilities	Estudo empírico	Investigar as perspectivas parentais sobre a AN.	Revelou diferentes perspectivas dos pais sobre os TAs com diferenças entre as figuras maternas e paternas, mostrando maior preocupação entre as mães.
Hail e Le Grange	Bulimia nervosa	Revisão da	Analisar as	Destacou a

(2018)	in adolescents: prevalence and treatment challenges.	literatura	evidências sobre diferentes tipos de tratamento para BN em adolescentes.	eficácia do Family-Based Treatment (FBT) para BN em adolescentes, com evidências de maior abstinência quando os pais são envolvidos ativamente no tratamento.
Gorrell, Loeb e Le Grange (2019)	Family-based treatment of eating disorders: A narrative review.	Revisão da literatura	Descrever as evidências empíricas sobre os tratamentos para TAs em adolescentes que incluem a família.	Destacou a eficácia do Family-Based Treatment (FBT) tanto para AN quanto para BN, ressaltando a atuação dos pais como recurso central para a recuperação.
Rego e Chaud (2022)	Determinantes do comportamento alimentar na adolescência: Uma revisão com enfoque na relação familiar.	Revisão da literatura	Realizar uma revisão bibliográfica sobre o comportamento alimentar na adolescência e a influência do ambiente familiar no desenvolvimento destes.	Identificou que a família exerce influência significativa no desenvolvimento de comportamentos de risco para TAs em adolescentes, com destaque para o papel central das figuras maternas na transmissão de padrões alimentares.
Siqueira, Santos e Leonidas (2020)	Confluências das relações familiares e transtornos alimentares: Revisão integrativa da literatura.	Revisão da literatura	Sintetizar e analisar a produção científica brasileira e estrangeira sobre as relações familiares, com ênfase no vínculo mãe-filha, no contexto dos Transtornos Alimentares (TAs).	Constatou a existência de estreita associação entre sintomas de TAs e os padrões de relacionamento estabelecidos nas famílias.
Datta <i>et al.</i> (2023)	Predictors of family-based	Estudo empírico	Investigar se fatores	Identificou que variáveis

	treatment for adolescent eating disorders: Do family or diagnostic factors matter?		demográficos e clínicos afetam os resultados do Family-Based Treatment em adolescentes com AN e BN.	sociodemográfica s não influenciaram os desfechos do tratamento.
Sainos-López <i>et al.</i> (2015)	Funcionalidad familiar en pacientes con anorexia nerviosa y bulimia.	Revisão da literatura	Analisar a funcionalidade familiar de pacientes adolescentes diagnosticados com AN e BN.	Indicou que a disfunção familiar atua como fator de risco para o desenvolvimento e agravamento de TAs em adolescentes.
Arias e Grasst (2020)	Funcionamiento familiar y trastornos en la conducta alimentaria de los adolescentes familia y adolescencia.	Estudo empírico	Investigar a influência do funcionamento familiar nos TAs em adolescentes.	Demonstrou que um funcionamento familiar severamente disfuncional está associado ao desenvolvimento e cronificação de TAs em adolescentes.
Plúa e Díaz (2021)	Influencia familiar sobre los trastornos en la conducta alimentaria y su relación con la obesidad en la adolescencia.	Estudo empírico	Investigar a relação entre os TAs na adolescência e fatores familiares que influenciam os hábitos alimentares.	Identificou que a influência familiar, especialmente os hábitos alimentares, atuaram como fator determinante para o desenvolvimento de TAs.
Aedo e Almagiá (2017)	Funcionamiento familiar y calidad de vida de mujeres adolescentes con trastornos de la conducta alimentaria.	Estudo empírico	Investigou a relação entre funcionamento familiar e qualidade de vida em adolescentes do sexo feminino diagnosticadas com TAs.	Encontrou uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o funcionamento familiar e a qualidade de vida geral.
Quiñones <i>et al.</i> (2017)	Relación entre trastorno de conducta alimentaria y género y familia en adolescentes escolarizados.	Estudo empírico	Determinar se existe, entre adolescentes, relação entre o risco de desenvolver TAs e o gênero, a estrutura e a	Demonstrou que a disfunção familiar severa e o gênero feminino foram fatores estatisticamente significativos para o

			funcionalidade familiar.	desenvolvimento de TAs.
Austin <i>et al.</i> (2024)	Efficacy of eating disorder focused family therapy for adolescents with anorexia nervosa: a systematic review and meta-analysis.	Revisão da literatura	Avaliar a eficácia da Terapia Familiar para Transtornos Alimentares (FT-ED) em comparação com outras formas de psicoterapia para adolescentes.	Demonstrou que a Terapia Familiar para Transtornos Alimentares (FT-ED) apresentou resultados superiores à psicoterapia individual.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Os estudos revisados convergem quanto à compreensão de que o ambiente familiar exerce papel central no desenvolvimento, manutenção e tratamento dos TAs na adolescência. A literatura indica que a família pode atuar tanto como fator de risco, ao reproduzir padrões relacionais disfuncionais, quanto como fator de proteção, quando oferece suporte emocional, coesão e comunicação aberta.

O funcionamento familiar como influência nos TAs

O funcionamento familiar, entendido como a qualidade dos processos relacionais e da organização do sistema familiar, constitui uma categoria central nesta revisão, com destaque para as dimensões de coesão, adaptabilidade e comunicação. A coesão é definida como a ligação que os membros da família possuem entre si, enquanto a adaptabilidade ou flexibilidade refere-se à possibilidade de haver mudanças na família mantendo o seu equilíbrio. A comunicação, por sua vez, diz respeito à habilidade de trocar afetos, significados e informações (SANTOS; BAZON; CARVALHO, 2017).

Nos estudos empíricos revisados, essas dimensões foram mensuradas por meio de instrumentos validados, como a Family Environment Scale (FES), o Questionário de Funcionamento Familiar (FF-SIL), a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES) e o APGAR Familiar. Essa base metodológica quantitativa padronizada permitiu demonstrar que o desequilíbrio nessas dimensões se relaciona com a manifestação e a manutenção dos transtornos alimentares (SAINOS-LÓPEZ, 2015; ARIAS; GRASST, 2020; ERRIU; CIMINO; CERNIGLIA, 2020).

As relações disfuncionais, caracterizadas por rigidez (baixa adaptabilidade),

baixa coesão e comunicação crítica, criam um ambiente propício à internalização de ideais corporais inatingíveis e à cronificação dos sintomas, conforme observado por Erriu, Cimino e Cerniglia (2020) e Arias e Grasst (2020). Esse contexto é agravado pela alta conflituosidade e por relações fusionais, entendidas como padrões de indiferenciação e intensa dependência emocional recíproca que comprometem a autonomia individual, especialmente entre mãe e filha, o que pode favorecer o surgimento de comportamentos de risco para TAs (SAINOS-LÓPEZ *et al.*, 2015; SIQUEIRA; SANTOS; LEONIDAS, 2020; DARROW *et al.*, 2017).

A dimensão comunicativa merece atenção especial, pois atua como uma espécie de mecanismo operacional através do qual a coesão e a adaptabilidade se expressam. Uma comunicação familiar caracterizada por críticas frequentes, invalidação emocional ou dificuldade em resolver conflitos de forma aberta tende a exacerbar a ansiedade e a baixa autoestima dos membros, fatores estes intimamente associados ao desenvolvimento de TAs. Em contraste, famílias que praticam uma comunicação empática, validante e capaz de negociar mudanças criam um ambiente emocionalmente seguro, que pode amortecer o impacto de fatores de risco externos e facilitar a busca por ajuda (ERRIU; CIMINO; CERNIGLIA, 2020; ARIAS; GRASST, 2020).

A literatura é consistente ao apontar que essas dimensões do funcionamento, quando em um contexto equilibrado, atuam como fatores de proteção. Famílias que cultivam uma boa coesão, comunicação saudável e maior flexibilidade constituem ambientes que promovem o desenvolvimento emocional saudável e melhor recuperação clínica no caso dos indivíduos diagnosticados (AEDO; ALMAGIÁ, 2017).

A confirmação de que a disfunção familiar, e não a estrutura, é o fator determinante nos TAs tem implicações práticas significativas, pois desloca o foco de julgamentos sobre configurações familiares “não tradicionais” para a avaliação da qualidade das interações, independentemente de como a família é constituída (QUIÑONES *et al.*, 2017). Esse achado indica que as intervenções devem identificar e fortalecer processos relacionais saudáveis em qualquer arranjo familiar, o que está em consonância com as bases da Terapia Familiar Sistêmica, segundo a qual é necessário intervir diretamente nos padrões disfuncionais, contextualizando-os dentro das transições normativas e paranormativas do ciclo vital familiar – entendido como a sequência previsível de estágios de desenvolvimento pelos quais toda

família passa –, a fim de promover mudanças adaptativas e restaurar o equilíbrio do sistema familiar (VILLARREAL-ZEGARRA; PAZ-JESUS, 2015).

Dinâmicas familiares e questões de gênero¹

Os artigos mostram que a figura materna desempenha um papel central na formação dos padrões alimentares e da percepção corporal. Rego e Chaud (2022) evidenciam que comentários maternos sobre peso, críticas e práticas alimentares controladoras são fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos alimentares de risco. Estas práticas podem ser agravadas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, onde a insegurança alimentar está associada a um maior uso de práticas parentais disfuncionais, como incentivo a dietas e alimentação restritiva.

Plúa e Díaz (2021) acrescentam que os hábitos alimentares aprendidos em casa, especialmente aqueles mediados pela mãe, e a qualidade da comunicação familiar influenciam tanto a vulnerabilidade quanto a prevenção dos TAs na adolescência. Nesse sentido, a mãe é apontada como a principal responsável por transmitir condutas saudáveis, sendo seu próprio seguimento de dieta um fator de risco para problemas alimentares nas filhas.

Carpinelli e Watzlawik (2023) revelam o sentimento de desamparo dos pais diante da AN, com diferenças marcantes entre mães, que se mostraram mais participativas e angustiadas, e pais, que se mostraram mais distantes emocionalmente. A pesquisa sugere que intervenções eficazes devem considerar as percepções e papéis específicos de cada genitor para aumentar a adesão ao tratamento.

Esses achados podem ser analisados sob a luz das construções sociais de gênero. A figura materna é associada ao cuidado e à alimentação, enquanto a figura paterna é associada ao distanciamento emocional, contribuindo para o menor envolvimento paterno no cuidado da família. Essa estrutura, que legitima hierarquias sexistas posicionando a mulher como cuidadora primária e o homem como figura periférica no ato de cuidar, precisa ser desconstruída em intervenções clínicas que promovam o envolvimento equitativo de ambos os genitores no tratamento (LIMA *et*

¹ Neste trabalho, adota-se o conceito de gênero como uma construção social que define papéis, comportamentos e expectativas considerados apropriados para homens e mulheres em um determinado contexto (WHO, 2024).

al., 2017).

Ademais, essa rígida separação de papéis não apenas sobrecarrega as mulheres com responsabilidades domésticas, mas também internaliza nas filhas a ideia de que homens e mulheres ocupam esferas distintas, reforçando um modelo que naturaliza a submissão feminina nas relações futuras (MACHADO; CASTANHEIRA; ALMEIDA, 2020).

Por fim, o ideal de beleza feminino, que na maioria das sociedades ocidentais é centrado na magreza, é internalizado precocemente e frequentemente reforçado no âmbito familiar. Quando a mãe, atuando como principal agente de socialização alimentar, manifesta preocupação excessiva com o peso ou profere comentários críticos, está, mesmo inconscientemente, reproduzindo e validando a noção cultural que associa o valor social da mulher à sua aparência física (POLLI; JOAQUIM; TAGLIAMENTO, 2021).

Esse processo de transmissão intergeracional do padrão de magreza encontra eco na análise de Hessel e Furtado (2019), que destacam como os padrões internalizados e as representações sociais, disseminados por meio de discursos cotidianos e práticas familiares, contribuem para a disciplinarização dos corpos femininos desde a infância, reforçando a submissão a um ideal estético que prioriza a magreza como sinônimo de beleza, pureza e valor social.

A família como base do tratamento

A abordagem familiar consolida-se como uma das mais eficazes no tratamento dos TAs na adolescência. O estudo de Gorrell, Loeb e Le Grange (2019) e a revisão sistemática de Austin *et al.* (2024) posicionam intervenções como o *Family-Based Treatment* (FBT) como intervenção de primeira linha para a AN, com resultados superiores às terapias individuais na promoção do ganho de peso e na remissão dos sintomas. A eficácia desse modelo reside no envolvimento ativo dos pais como agentes centrais da recuperação, capacitando-os para gerir a realimentação, ou seja, o processo ativo de restauração nutricional e recuperação do peso, e para enfrentar comportamentos disfuncionais no ambiente doméstico (HAIL; LE GRANGE *et al.*, 2018).

É importante notar que o sucesso terapêutico parece depender mais da qualidade do engajamento familiar do que de variáveis como estrutura ou *status* socioeconômico. Isso reforça que o suporte familiar atua como um componente ativo

e modificável do tratamento, cuja eficácia pode ser otimizada (DATTA *et al.*, 2023).

Embora os tratamentos que incluem a família apresentem resultados positivos, a implementação dessas abordagens pode enfrentar desafios práticos. A elevada demanda por disponibilidade dos cuidadores e a possível resistência de adolescentes em busca de autonomia, são obstáculos significativos, que podem ser potencializados em contextos de disfunção familiar grave, nos quais a própria dinâmica relacional pode ser um fator de manutenção do transtorno. Corre-se, ainda, o risco de reproduzir, no âmbito do tratamento, os desequilíbrios de gênero tradicionalmente observados na divisão do cuidado, sobrecarregando desproporcionalmente as figuras maternas (GORRELL; LOEB; LE GRANGE, 2019; LIMA *et al.*, 2017).

Como demonstra Eloia *et al.* (2014), o ato de cuidar centralizado na família, particularmente em figuras femininas, gera consequências objetivas, como limitações econômicas e de atividades, e subjetivas, como desgaste emocional. A falta de apoio social e orientação adequada pode agravar essa carga, comprometendo tanto a eficácia da intervenção quanto a saúde de quem cuida.

Nesse sentido, a sobrecarga dos cuidadores de pacientes com transtornos alimentares é pouco estudada, apesar de seu impacto ser significativo. O excesso de envolvimento emocional por parte dos cuidadores ou a adaptação aos sintomas podem inadvertidamente perpetuar o transtorno. Quando a relação cuidador-paciente se torna fusionada, isto é, com limites emocionais pouco definidos e uma dinâmica de dependência recíproca, o risco de adoecimento de ambos aumenta (DÁQUER; DUCHESNE; SIMÃO, 2019).

Portanto, a otimização dessas intervenções exige adaptações sensíveis à diversidade das estruturas familiares e uma distribuição equitativa das responsabilidades terapêuticas entre os genitores. Para superar as limitações atuais, são necessários estudos futuros que explorem a eficácia dessas terapias em populações mais diversas, além de investigarem modelos de apoio que previnam a sobrecarga do cuidador e fortaleçam o sistema familiar como um todo (AUSTIN *et al.*, 2024).

Cabe ressaltar, ainda, que embora as dinâmicas familiares sejam de suma importância no tratamento dos TAs em adolescentes, a falta de programas de apoio às famílias e a insuficiência de campanhas de conscientização social transferem para a esfera familiar uma responsabilidade que deveria ser compartilhada pelo

poder público, sobrecarregando ainda mais sistemas familiares já vulnerabilizados pelo transtorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa atingiu satisfatoriamente seu objetivo principal de investigar a relação do ambiente familiar com o desenvolvimento e tratamento de TAs em adolescentes. Cumpriram-se igualmente os objetivos específicos, demonstrando que relações familiares disfuncionais, caracterizadas por rigidez, baixa coesão e comunicação crítica, contribuem significativamente para o surgimento e agravamento dos TAs. Esses mesmos aspectos, quando equilibrados, atuam como potentes fatores de proteção. Além disso, o envolvimento familiar constitui elemento fundamental para a adesão e eficácia dos tratamentos, com abordagens como o FBT mostrando resultados clinicamente superiores.

Apesar do consistente arcabouço teórico identificado, esta revisão enfrenta limitações inerentes à sua natureza narrativa e ao número restrito de produções incluídas (n=14), o que pode ter influenciado a abrangência das conclusões. Ademais, observa-se uma lacuna significativa na literatura quanto a estudos que abordem a interface entre políticas públicas e o suporte familiar no contexto dos TAs.

Para avançar no conhecimento desta área, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem a eficácia das intervenções familiares em contextos socioeconômicos diversos e foquem em desenvolver estratégias específicas para mitigar a sobrecarga dos cuidadores, além de incorporar sistematicamente a perspectiva de gênero nas abordagens de tratamento.

No âmbito das políticas públicas, os resultados evidenciam a necessidade de criação de programas de apoio multidimensional às famílias, além da expansão da oferta de terapias familiares na rede pública de saúde. Paralelamente, é de extrema importância a implementação de protocolos que garantam o acompanhamento continuado dos adolescentes com TAs.

Em síntese, os achados desta revisão consolidam a transformação das dinâmicas familiares como elemento fundamental não apenas para o sucesso terapêutico, mas como uma necessidade social no cuidado integral de adolescentes com TAs. A superação dos desafios nesta área demanda, portanto, uma atuação conjunta e corresponsável entre família, sociedade e Estado, garantindo que o apoio às famílias seja reconhecido como política de saúde pública essencial.

REFERÊNCIAS

AEDO, Evelin Huaiquifil; ALMAGIÁ, Enrique Barra. Funcionamiento familiar y calidad de vida de mujeres adolescentes con trastornos de la conducta alimentaria. **Revista de Psicología**, v. 13, n. 25, p. 45–53, 2017. Disponível em:

<http://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/6094/1/funcionamiento-familiar-calidad-vida-mujeres.pdf>. Acesso em: 03 out. 2025.

ALVARENGA, Marle dos Santos. Abordagens no transtorno alimentar – anorexia, bulimia, compulsão alimentar não especificado. In: TRECCO, S. (org.). **Educação alimentar e nutricional: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2017. p. 193-199.

ANDRADE, Mário César Rezende. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. **Gerais: Revista**

Interinstitucional de Psicologia, v. 14, n. SPE, p. 1–5, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-8220202100030001. Acesso em: 19 set. 2025.

ARIAS, Maria Veronica Avalos; GRASST, Yanet Samada. Funcionamiento familiar y trastornos en la conducta alimentaria de los adolescentes: familia y adolescencia.

Didasc@lia: Didáctica y Educación, v. 11, n. 6, p. 1–26, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7809033>. Acesso em: 04 out. 2025.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AUSTIN, Amelia *et al.* Efficacy of Eating Disorder Focused Family Therapy for Adolescents With Anorexia Nervosa: A Systematic Review and Meta-Analysis. **The International Journal of Eating Disorders**, v. 58, n. 1, p. 3–36, 2025. DOI:

10.1002/eat.24252. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39041682/>. Acesso em: 03 out. 2025.

BAETHGE, Christopher; GOLDBECK-WOOD, Sandra; MERTENS, Stephan.

SANRA—a scale for the quality assessment of narrative review articles. **Research integrity and peer review**, v. 4, n. 1, p. 5, 2019. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30962953/>. Acesso em: 23 set. 2025.

BLOC, Lucas Guimarães *et al.* Transtorno de compulsão alimentar: revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 3-17, 2019.

Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X201900010001. Acesso em: 25 set. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16

jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 24 set. 2025.

CARPINELLI, Luna; WATZLAWIK, Meike. Anorexia nervosa in adolescence: Parental narratives explore causes and responsibilities. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 5, p. 4075, 2023. DOI: 10.3390/ijerph20054075. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36901086/>. Acesso em: 05 out. 2025.

CASARIN, Sidnéia Tessmer *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 5, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924/11996>. Acesso em: 23 set. 2025.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 83–102, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682020000100006&script=sci_abstract. Acesso em: 23 set. 2025.

CELESTINO, Victor; BUCHER-MALUSCHKE, Julia. Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. **FACE Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão**, v. 18, n. 3, p. 318-329, set./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/facefpesquisa/article/view/1109>. Acesso em: 26 set. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013**. Diário da Justiça, Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1754>. Acesso em: 26 set. 2025.

CÔRTEZ, Maria do Sosocorro Mendes; ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de; BUCHER-MALUSCHKE, Julia Sursis Nobre Ferro. Família: história e tendências na contemporaneidade. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, e56511427842, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27842>. Acesso em 25 set. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DÁQUER, Adriana Fernandes C.; DUCHESNE, Monica; SIMÃO, Cristiane. A importância da abordagem familiar no tratamento dos transtornos alimentares. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 44–50, 2019. DOI: 10.25118/2763-9037.2019.v9.53. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/53>. Acesso em: 12 out. 2025.

DARROW, Sabrina *et al.* Exploring types of family environments in youth with eating disorders. **European Eating Disorders Review**, v. 25, n. 5, p. 389–396, 2017. DOI: 10.1002/erv.2531. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28675592/>. Acesso em: 05 out. 2025.

DATTA, Nandini *et al.* Predictors of family-based treatment for adolescent eating disorders: Do family or diagnostic factors matter? **International Journal of Eating Disorders**, v. 56, n. 2, p. 384–393, 2023. DOI: 10.1002/eat.23867. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36454189/>. Acesso em: 07 out. 2025.

DIAS, Ernandes Gonçalves; MISHIMA, Silvana Martins. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. **Revista Sustinere**, v. 11, n. 1, p. 402-411, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/71828>. Acesso em: 24 set. 2025.

ELOIA, Sara Cordeiro et al. Sobrecarga do cuidador familiar de pessoas com transtorno mental: uma revisão integrativa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 996-1007, out./dez. 2014. DOI: 10.5935/0103-1104.20140085. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/6LgdLWFWyCFZHv33cSTypSm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ERRIU, Michela; CIMINO, Silvia; CERNIGLIA, Luca. The role of family relationships in eating disorders in adolescents: A narrative review. **Behavioral Sciences**, v. 10, n. 4, p. 71, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32252365/>. Acesso em: 02 out. 2025.

FERNANDES, Jaciara Mayara Batista; VIEIRA, Lidiane Torres; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnicas-formativas. **REDES – Revista Educacional da Sucesso**, v. 3, n. 1, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/rec/article/view/223>. Acesso em: 24 set. 2025.

FERRARI, Rossella. Writing narrative style literature reviews. **Medical Writing**, v. 24, n. 4, p. 230-235, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/2047480615Z.000000000329>. Acesso em: 23 set. 2025.

GOMES, Edna Lara Vasconcelos *et al.* O impacto do desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes: uma revisão. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e92101421648-e92101421648, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21648>. Acesso em: 29 set. 2025.

GONÇALVES, Juliana de Abreu *et al.* Transtornos alimentares na infância e na adolescência. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. 1, p. 96–103, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/FhGt8KPLRMTDkmKvM4HtQPh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

GORRELL, Sasha; LOEB, Katherine; LE GRANGE, Daniel. Family-based treatment of eating disorders: A narrative review. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 42, n. 2, p. 193–204, 2019. DOI: 10.1016/j.psc.2019.01.004. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6764593/>. Acesso em: 03 out. 2025.

HAIL, Lisa; LE GRANGE, Daniel. Bulimia nervosa in adolescents: Prevalence and treatment challenges. **Adolescent Health, Medicine and Therapeutics**, v. 9, p. 11–16, 2018. DOI: 10.2147/AHMT.S135326. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.2147/AHMT.S135326>. Acesso em: 05 out. 2025.

HESSEL, Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida; FURTADO, Izaura Maria Carvalho da Graça. A influência do padrão de magreza para a mulher na contemporaneidade. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 75-85, mar. 2019. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v8i1.2098. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2098>. Acesso em: 15 nov. 2025.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de *et al.* A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>. Acesso em: 16 nov. 2025.

LE GRANGE, Daniel *et al.* Academy for eating disorders position paper: The role of the family in eating disorders. **International Journal of Eating Disorders**, v. 43, n. 1, p. 1-5, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Dasha-Nicholls/publication/26787632_Academy_for_Eating_Disorders_Position_Paper_The_Role_of_the_Family_in_Eating_Disorders/links/5b6977e8299bf14c6d95051c/Academy-for-Eating-Disorders-Position-Paper-The-Role-of-the-Family-in-Eating-Disorders.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

LÓPEZ-GIL, José Francisco *et al.* Global proportion of disordered eating in children and adolescents: A systematic review and meta-analysis. **JAMA Pediatrics**, v. 177, n. 4, p. 363–372, 2023. DOI: 10.1001/jamapediatrics.2022.5848. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2801664>. Acesso em: 29 set. 2025.

MACHADO, Dinair Ferreira; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro; ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 26, n. 11, p. 5003-5014, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26suppl3/5003-5012/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MACHADO, Rebeca Nonato; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Parentalidade adotiva: contextualizando a escolha. **Psico**, v. 46, n. 4, p. 442-451, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/19862>. Acesso em: 23 set. 2025.

MARCOS, Quiles *et al.* Peer and family influence in eating disorders: A meta-analysis. **European Psychiatry**, v. 28, n. 4, p. 199-206, 2013. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/european-psychiatry/article/abs/peer-and-family-influence-in-eating-disorders-a-metaanalysis/1BCBD24C29B6AEA2FC5AE1ED>

49A38B14. Acesso em: 29 set. 2025.

MEIRELES, Fabrina da Silva; TEIXEIRA, Solange Maria. As diversas faces da família contemporânea: conceitos e novas configurações. **Informe Econômico (UFPI)**, v. 31, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/ie/article/view/1764>. Acesso em: 24 set. 2025.

MINZON, Joane Coelho. **Fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares entre adolescentes de uma escola pública de Campo Grande-MS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2010. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8140-fatores-de-risco-para-o-desenvolvimento-de-transtornos-alimentares-entre-adolescentes-de-uma-escola-publica-de-campo-o-grande-ms.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

OLIVEIRA, Leticia Langlois; HUTZ, Claudio Simon. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 575–582, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MGVrVGGGrjn8VPDYyCqdmNLj/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2025.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PIATO, Raiane Straiotto; ALVES, Rozilda das Neves; MARTINS, Sheila Regina Camargo de. Conceito de família contemporânea: uma revisão bibliográfica dos anos 2006-2010. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 47, p. 41-56, dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/131>. Acesso em: 24 set. 2025.

PLÚA, Laura Isabel Choéz; DÍAZ, Rafael Tejada. Influencia familiar sobre los trastornos en la conducta alimentaria y su relación con la obesidad en la adolescencia. **RECIMUNDO**, v. 5, n. 2, p. 376–386, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8004123>. Acesso em: 04 out. 2025.

POLLI, Gislei Mocelin; JOAQUIM, Bianca Oliveira; TAGLIAMENTO, Grazielle. Representações sociais e práticas corporais: influências do padrão de beleza. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 3, p. 54-69, dez. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672021000300005&script=sci_arctext. Acesso em: 15 nov. 2025.

QUIÑONES, Juan Carlos González *et al.* Relación entre trastorno de conducta alimentaria y género y familia en adolescentes escolarizados, Suba (Bogotá). **Carta Comunitaria**, v. 25, n. 143, p. 29–36, 2017. Disponível em: <https://revistas.juanncorpas.edu.co/index.php/cartacomunitaria/article/view/81>. Acesso em: 04 out. 2025.

REGO, Giulia Avino; CHAUD, Daniela Maria Alves. Determinantes do comportamento alimentar na adolescência: uma revisão com enfoque na relação familiar. **Vita et Sanitas**, v. 16, n. 1, p. 95–111, 2022. Disponível em:

<https://unigoyazes.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/258>. Acesso em: 21 set. 2025.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, e8574, 2021. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>. Acesso em: 15 set. 2025.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=es>. Acesso em: 15 set. 2025.

SANTOS, Patricia Leila dos; BAZON, Marina Rezende; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Family adaptability and cohesion evaluation scale IV (FACES IV): adaptação brasileira. *Avaliação Psicológica*, v. 16, n. 2, p. 120-127, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712017000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 13 out. 2025.

SAINOS-LÓPEZ, Daniella Guillermina *et al.* Funcionalidad familiar en pacientes con anorexia nerviosa y bulimia. *Atención Familiar*, v. 22, n. 2, p. 54–57, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1405887116300499>. Acesso em: 04 out. 2025.

SIQUEIRA, Ana Beatriz Rossatto; SANTOS, Manoel Antônio dos; LEONIDAS, Carolina. Confluências das relações familiares e transtornos alimentares: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Clínica**, v. 32, n. 1, p. 123–149, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003205792>. Acesso em: 04 out. 2025.

SOUZA, Laura Vilela; SANTOS, Manoel Antônio dos. A família e os transtornos alimentares. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 39, n. 3, p. 403–409, 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-453268>. Acesso em: 22 set. 2025.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245380>. Acesso em: 13 set. 2025.

STEINBERG, L. **Adolescence**. 12. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2020.

VERSCHUEREN, Margaux *et al.* Eating disorder symptomatology in adolescent boys and girls: identifying distinct developmental trajectory classes. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 49, p. 410-426, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10964-019-01174-0>. Acesso em: 11 nov. 2025.

VILLARREAL-ZEGARRA, David; PAZ-JESUS, Angel. Terapia familiar sistêmica: uma aproximação à teoria e a prática clínica. **Interacciones**, Lima, v. 1, n. 1, p. 45-55, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5605/560558782003.pdf>.

Acesso em: 21 set. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **International statistical classification of diseases and related health problems**. 11th ed. Geneva: WHO, 2019.

Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/en#1412387537>. Acesso em: 12 set. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Health for the world's adolescents: a second chance in the second decade**. Geneva: WHO, 2014. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/WHO-FWC-MCA-14.05>. Acesso em: 12 set. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Gender and Health**. [S. l.], 2024.

Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/gender>. Acesso em: 14 nov. 2025.

XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignês Belém Lima. **Psicologia do desenvolvimento**. 4. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.